

Gutman Uchôa de Mendonça

Escreve aos sábados e às terças-feiras neste espaço
Site: www.uchoademendonca.jor.br

/// Preocupam-me a falta de esperança, o futuro de milhões de jovens que, sem perspectivas, se entregam às drogas, não querem trabalhar ou estudar

A maioria decide

Não me preocupa a reeleição de Dilma Rousseff para a Presidência da República. Preocupa-me, e muito, a dependência já endêmica de 35 milhões de pessoas do Bolsa-Família e a impressionante presença dos chamados anal-fabetos funcionais e os beneficiados por milhares de empregos custeados pelos impostos que pagamos, os inúteis que não precisam prestar serviço. Todos esses têm uma obrigação: votar no PT.

Dilma foi reeleita com 54,5 milhões de votos (51,6% dos votos válidos), contra 51 milhões dados ao seu rival, Aécio Neves (48,4% dos votos válidos). Deixaram de votar perto de 20 milhões de eleitores!

A pobreza, quando aliada à burrice, de uma ponderável parcela da sociedade, gera distorções profundas no comportamento social, quando as pessoas de pouca capacidade de percepção das coisas que estão ocorrendo em seu redor, votam por modestos interesses pessoais, intimi-

dados que estão diante da possibilidade de perder aquele benefício, conforme foi utilizado na campanha pela candidata reeleita e seu patrono, o sabido Luiz Inácio Lula da Silva, professor de espertezas...

O povo brasileiro, há exatos 84 anos, desde a Revolução de 30, paga a mais pesada conta que o demagogo profissional Getúlio Vargas lhe impôs, quando usurpou o poder e instituiu as leis demagógicas que desafiam qualquer sopro de modernização, por pressão daqueles que buscaram sua cartilha para se perpetuarem no poder, como o presente caso do PT.

O que está acontecendo no Brasil de hoje, sob o comando da dilmismo/lulismo, é o retrato do quererismo de Getúlio Vargas, que acabou levando-o ao suicídio, em 1954, por não suportar a corrupção estabelecida no seu governo pelos seus mais íntimos colaboradores.

Preocupam-me a falta de esperança, a desambição dos nossos governantes para com o futuro de milhões de jovens que, sem perspectivas, se entregam ao uso de drogas, não querem trabalhar ou estudar, devido aos tristes exemplos dos nossos dirigentes, que não precisam ser letrados, ter títulos, para governar a nação. Triste fim...



José Carlos Corrêa

Escreve aos sábados neste espaço
E-mail: jccorrea@redegazeta.com.br

/// O Doce, o nosso maior rio, está cada vez mais assoreado, com vastos bancos de areia e muito lixo, recebendo toneladas de esgoto sem tratamento

A morte anunciada

Em fevereiro de 2010, A GAZETA publicou artigo do engenheiro Mário Petrocchi, intitulado “O aviso do Rio Doce”. Nele, a propósito das enchentes que ocorreram naquele verão, Petrocchi lembrava estudo realizado pela Escelsa, em 1979, que recomendava “o reflorestamento ciliar” já que “as margens devastadas favorecem o assoreamento” e lamentava que “depois de 31 anos as medidas [...] não foram implementadas”.

Henrique Lobo, engenheiro florestal que estuda a bacia há três décadas, já há muito alerta que o Rio Doce vai “virar um fio de água e muitos dos rios que o abastecem serão intermitentes”. Documentos assinados pelos governos de Minas e Espírito Santo, em 2010 e 2013, não passaram de boas intenções quando prometeram um “pacto de gestão integrada” e a “revitalização da bacia”.

A maior seca dos últimos 70 anos desnuda a triste realidade atual: “o Rio Doce não está morrendo, ele já está acabado”, disse um pescador de Linhares ao repórter Vinicius Baptista na série “Expedição Científica do Rio Doce” que a TV Gazeta exibiu nesta semana. A expedição percorreu o rio e mostrou que os alertas do passado, infelizmente, não

foram considerados. O Doce está cada vez mais assoreado, com vastos bancos de areia e muito lixo, recebendo também toneladas de esgoto sem tratamento.

Os pesquisadores do Ifes, na expedição, constataram que o Córrego São Silvano, que deságua no Doce, tem zero de oxigênio. Ou seja, nele não há vida alguma. Colatina, aliás, é a cidade que mais despeja esgoto sem tratamento no rio. É triste constatar que menos de 20% dos municípios da bacia tratam adequadamente o esgoto que despejam no rio.

O Instituto Terra, de Aimorés, tem sido consultado sobre o projeto que desenvolve de recuperação de nascentes. O projeto – denominado “Olhos D’água” – já demonstrou a sua eficácia ao transformar uma fazenda de gado, que no passado pertenceu aos pais de Sebastião Salgado, em uma Reserva Particular do Patrimônio Florestal. Adotando soluções simples e baratas, o Instituto Terra mostra um caminho – que, evidentemente, não é o único – que pode se constituir, quem sabe, no início de um processo de recuperação do Rio Doce.

A Rede Gazeta tem contribuído para dar uma maior visibilidade ao problema. Reportagem de Vilmara Fernandes, publicada em setembro no jornal, denunciou o impacto da seca nas populações ribeirinhas. A expedição científica, na TV, amplia ainda mais a repercussão do assunto. Fica a esperança de que, mais consciente da realidade, a sociedade passe a exigir providências concretas que possam salvar o nosso maior rio.